

SANGUE NEGRO EM PELES BRANCAS: O COLORISMO NA OBRA A *METADE PERDIDA*, DE BRIT BENNETT

Arnaldo Gomes da Silva Filho¹

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo discutir sobre o colorismo, termo utilizado pela em 1982 pela escritora Alice Walker, na qual afirma que pessoas de pele mais escura sofrem mais preconceito do que os negros de pele mais clara. Partindo da análise do romance *A metade perdida* (2021) da escritora americana Brit Bennett, publicado no Brasil em 2021. Trazendo à luz os estudos desenvolvidos por Alessandra Devulsky (2021), Frantz Fanon (2020), Aníbal Quijano (2005) entre outros pesquisadores para elucidar o debate sobre o colorismo e suas consequências que é tão urgente em nossa sociedade, bem como mostrar que a obra analisada é um dos expoentes para falar das marcas da colonização, dos projetos eurocêntricos e continuidade da colonialidade do poder na contemporaneidade. Para isso, foram selecionados trechos da obra que, mesmo sendo uma ficção, buscam trazer como contribuição denunciar não apenas o racismo, mas o colorismo enquanto estrutura que provoca fissuras entre os próprios sujeitos negros, que buscam no embranquecimento um meio de “fazer parte”.

Palavras-chave: Colorismo, Racismo, Colonialidade do Poder.

INTRODUÇÃO

Na contemporaneidade, muitas vozes femininas e pretas têm feito da literatura e do universo digital seus meios para discutir assuntos urgentes para a sociedade, de forma acessível a todos os públicos. São exemplos destas vozes, aquelas enunciadas por Conceição Evaristo em *Ponciá Vicêncio* (2017), Djamila Ribeiro com a obra *Lugar de fala* (2019), os poemas da baiana Livia Natália em *Água negra* (2011), Cristiane Sobral que com seus poemas em *Não vou mais lavar os pratos* (2010)², que têm encontrado na escrita o seu lugar de expressão, e têm evidenciado este caminho para que outras mulheres negras o ocupem.

Outras vozes, desta feita de origens internacionais, mas também expressas e ouvidas por brasileiros em produções literárias, podem ser destacadas como o da Paulina Chiziane em *Cantos dos escravizados* (2018), e na obra *O perigo da história única* (2019) de Chimamanda Adichie, entre tantas outras que em suas narrativas trazem temas que eram voltados ao universo acadêmico – colorismo, interseccionalidade, negritude, feminismo negro, colonialidade do

¹ Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Culturas Africanas, da Diáspora, e dos Povos Indígenas – PROCADI, Universidade de Pernambuco (UPE) – Campus Garanhuns, arnaldo.gomes@upe.br.

² Cadernos negros 23: poemas afro-brasileiros, 2000. Disponível em: <<http://www.letas.ufmg.br/literafro/24-textos-das-autoras/932-cristiane-sobral-nao-vou-mais-lavar-os-pratos>>. Acesso em: 08 ago. 2021.

poder, racismo estrutural – mas que se faziam necessários serem abordados na sala de aula, nos âmbitos profissional, familiar, comunitário e cotidiano.

Fazendo o uso do tema colorismo, termo usado pela primeira vez em 1982 pela estadunidense Alice Walker³ a escritora, afirma que pessoas de pele mais escura sofrem mais preconceito do que os negros de pele mais clara. Em outras palavras, a pigmentocracia, que leva em consideração além da pele escura, outros traços negroides como o tamanho do nariz e cabelos crespos, irão determinar como esta pessoa será socialmente vista.

Disto isto, fazendo ponte com estas palavras iniciais sobre o colorismo, Devulsky (2021) conceitua que:

O colorismo é uma ideologia, assim como o racismo. Enquanto processo social complexo ligado à formação de uma hierarquia racial baseada primordialmente na ideia de superioridade branca, sua razão de fundo atende aos processos econômicos que se desenvolvem ao longo da história. De um polo a outro, seja ao preterir os traços fenotípicos e a cultura associada à africanidade, ou privilegiar a ordem imagética da europeidade, sua construção está ligada ao colonialismo e, indelevelmente, ao capitalismo (DEVULSKY, 2021, p.18).

Sendo assim, segundo a autora, percebe-se que o colorismo é, de certa forma, um subproduto do racismo ao passo que se sujeita aqueles que têm a pele mais escura àquilo que se sofrem vindo dos brancos. Ele tem como causa a maneira pela qual entendemos a condição negra, inferiorizada e subjugada, mas também tem como solução a mesma condição negra liberta das grades racista onde é possível reconstruir novos paradigmas para que os negros possam viver sua negritude de maneira plena, portando seus signos africanos no corpo e na sua existência política.

Dialogando com Devulsky (2021), Quijano (2005), em seu estudo sobre uma faceta da colonialidade, a que denomina colonialidade do poder, afirma que:

Por um lado, a codificação das diferenças entre conquistadores e conquistados na idéia de raça, ou seja, uma supostamente distinta estrutura biológica que situava a uns em situação natural de inferioridade em relação a outros. Essa idéia foi assumida pelos conquistadores como o principal elemento constitutivo, fundacional, das relações de dominação que a conquista exigia. [...] Com o tempo, os colonizadores codificaram como cor os traços fenótipos dos colonizados e assumiram como características emblemática da categoria racial. [...] Desse modo, raça converteu-se no primeiro critério fundamental para a distribuição da população mundial nos níveis, lugares e papéis na estrutura de poder da nova sociedade (QUIJANO, 2005, p. 117 – 118).

Portanto, de acordo com Quijano, a colonialidade do poder é um conceito transdisciplinar e que inter-relaciona as práticas e legados do colonialismo europeu, dentro dos

³ O termo colorismo foi usado pela primeira vez pela escritora Alice Walker no ensaio *If the Present Looks the Past, What Does the Future Look Like?*, que traduzido em português para: “Se o presente se parece com o passado, como será o futuro?”, que foi publicado no livro *In Search of Our Mothers’ Garden*, em 1982.

aspectos históricos e sociais que perpassam as diversas formas de conhecimento. Em outras palavras, Quijano (2005), identifica e descreve o legado vivo do colonialismo nas sociedades contemporâneas na forma de discriminação social que sobreviveu ao “colonialismo formal” e se tornou integrado nas ordens sociais sucessivas.

Por fim, neste artigo discutimos sobre o colorismo, partindo da análise do romance *A metade perdida* (2021) da escritora americana Brit Bennett, publicado no Brasil em 2021, e trazendo à luz os estudos desenvolvidos por Devulsky (2021), Fanon (2020), Quijano (2005), entre outros pesquisadores para elucidar o debate sobre o colorismo e suas consequências, bem como mostrar que a obra analisada é um dos expoentes para falar das marcas da colonização, dos projetos eurocêntricos e continuidade da colonialidade do poder na contemporaneidade.

METODOLOGIA

Para navegarmos em águas profundas do colorismo, analisamos a obra *A metade perdida* (2021), segunda produção literária da escritora americana Brit Bennett, publicada nos Estados Unidos no ano de 2020. Sendo assim, este trabalho é de caráter qualitativo por tratar de uma abordagem que estuda aspectos subjetivos de fenômenos sociais e de comportamentos humanos, pois envolve uma compreensão interpretativa do mundo (DENZIN; LINCOLN, 2006). Quanto ao objetivo, é uma pesquisa exploratória, porque nos familiarizar com assuntos pouco conhecidos ou explorados no âmbito social (GIL, 2002). Quanto aos procedimentos técnicos, a presente pesquisa é documental, que se caracteriza por utilizar-se de documentos, escritos, constituindo o que se denomina de fontes primárias (LAKATOS, 1995). Para a materialização deste trabalho, foi realizada uma revisão bibliográfica com foco nas conexões colorismo, racismo e colonialidade do poder.

ANÁLISE E DISCUSSÕES

Nas primeiras páginas da obra *A metade perdida* (2021) conhecemos Mallard, uma cidade que suscitou na escritora duas motivações à produção do romance, segundo vídeo de apresentação da obra encaminhado para a editora que publicou o seu livro no Brasil⁴. Para Bennett, a primeira motivação para escrever a obra foi falar do colorismo e discutir qual a significação de criar hierarquias dentro da comunidade negra. A segunda, era evidenciar uma

⁴ Apresentação da obra pela escritora, disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=NmFTGeFF0s8&t=1s>>. Acesso em: 08 de jun. 2021.

cidade que é obcecada com o tom da pele, a ponto de criar um sistema de valores e hierarquias, que foram construídas, aplicadas e derrubadas.

Refletindo sobre as motivações da escritora para discutir em um romance de ficção o colorismo, podemos recorrer a Devulsky (2021) que descreve:

O colorismo é uma ideologia, assim como o racismo. Enquanto processo social complexo ligado à formação de uma hierarquia racial baseada primordialmente na ideia de superioridade branca, sua razão de fundo atende aos processos econômicos que se desenvolvem no curso da história (DEVULSKY, 2021, p. 18).

Dessa forma, percebemos que as práticas incorporadas do colorismo foram uma herança ligada diretamente com o mundo colonial e pós-colonial, que ainda ditam padrões sociais onde negros de uma mesma família podem não se reconhecer pertencentes de um mesmo grupo racial, ou seja, negros de pele mais clara e com traços europeus têm mais oportunidades no mercado de trabalho e no universo midiático do que pessoas de sua família que carregam de forma marcada o fenótipo africano.

Com o olhar dirigido à compreensão do fenômeno da superioridade branca, Bennett faz um percurso histórico apresentando ao leitor Mallard, uma cidade que mais parecia uma ideia do que um lugar, porque o fundador, um negro livre, desejava construir naquela terra herdada do seu pai uma sociedade em que homens como ele, não seriam aceitos como brancos, mas que se recusavam a serem tratados como negros. É neste momento em que o leitor começa a entender a ideologia do colorismo:

Talvez aquela tenha sido a inspiração dele para sonhar com a cidade. A pele clara, como tudo que é conquistado a duras penas, era uma dádiva solitária. Ele se casara com uma mulata ainda mais clara que ele próprio. Naquela época, ela estava grávida do primeiro filho, e ele então imaginou os filhos dos filhos do seu filho ainda mais claros, como uma xícara de café sendo diluída aos poucos com leite. Um negro cada vez mais perfeito. Cada geração mais clara que a anterior (BENNETT, 2021, p. 13-14).

Percebemos neste pensamento da personagem uma evidência das raízes mais potentes do colorismo que afeta até hoje a sociedade, criar o desejo de ser igual ao opressor para ser aceito. Já que o colonizador é a régua e a regra.

Ao percorrer por Mallard, são narradas muitas histórias de pessoas de sangue negro em peles brancas que se passam por um sujeito branco. Um desses relatos que vale a pena destacar para mergulharmos no mais profundo do colorismo, foi a de um homem que andava de trem e sempre se sentava no lugar destinado aos brancos e, ao ser questionado por um cabineiro, começou logo a falar francês para convencê-lo que era um europeu mais moreno. Esta história

é um exemplo do que Fanon (2020) nos fala a respeito do negro e a linguagem ao exemplificar que:

O negro antilhano será mais branco, isto é, se aproximará mais do homem verdadeiro, na medida em que adotar a língua francesa. [...] Em um grupo de jovens antilhanos, aquele que se exprime bem, que possui o domínio da língua, é muito temido; é preciso tomar cuidado com ele, é um quase-branco. Na França se diz: falar como um livro. Na Martinica: Falar como um branco (FANON, 2020, p. 31-35).

Destarte, Brit Bennett em entrevista à Folha de São Paulo, relata que na construção Mallard via os moradores da cidade como pessoas que enxergavam a branquitude – que tem como premissa a falsa verdade de que a raça branca seria tão superior ao ponto de reunir somente traços característicos positivos sobre outras raças – como um meio para o fim. Eles sabiam que, se atuassem e fossem vistos como brancos teriam acesso a poder, privilégios, segurança, coisas que não conseguiriam de outra forma. Como nos lembra Devulsky:

Que muito embora a dotação dessas características tenha graus e naturezas distintas, mulheres de pele clara, assim como homens negros de pele clara, jamais, em nenhum momento, poderão gozar daquilo que se compreender como privilégio branco enquanto a sociedade estiver economicamente organizada para explorar estas distinções (DEVULSKY, 2021, p.37).

Mas como Fanon (2020) adverte que onde quer que ele vá, um preto permanece um preto, em outras palavras, em muitas situações do cotidiano, não importa se é mais claro ou escuro, o negro é o alvo, isto é, nas palavras do autor, um preto permanece um preto, mas quanto menos preto, melhor.

Dito isto, na obra da escritora Bennett (2021) nos apresenta uma situação que é discutida em muitas pesquisas ao descrever a relação do negro na sociedade e do seu reconhecimento como pessoa preta em um lugar que carrega no seu julgamento o olhar eurocêntrico. Para discussão iniciais, trazemos as reflexões produzidas por Pinto e Ferreira (2014) em seu trabalho sobre relações raciais no Brasil e a construção da identidade da pessoa negra no Brasil. Segundo os autores:

Ao negro sempre recai um olhar que lembra que ele é negro, isto é, o fato de ser negro nunca é esquecido e todas as suas inúmeras outras características são postas de lado diante da lembrança de sua pertença racial. Ele é, antes de tudo, negro. Qualquer coisa que faça está vigiada pelo fato de ser negro. Isso não acontece com o branco. Como padrão de normalidade, sua identidade não é questionada (PINTO; FERREIRA, 2014, p. 262).

De acordo com os autores citados, a cor vem primeiro, e este é o ponto de partida. Por mais que os negros ocupem cargos de prestígios ou tenham um poder aquisitivo que garanta uma vida confortável, em uma sociedade como o Brasil onde a colonialidade do poder ainda se

manifesta como erva daninha, sentem o peso de serem pretos nas situações, aparentemente, mais comuns do dia a dia. A exemplo, encontramos diariamente nos noticiários casos em que negros sempre são confundidos, em lojas, como “bandidos”; o negro com um carro do ano sendo visto como o motorista de um branco ou a dona de uma casa grande ser confundida com a empregada.

Na terceira parte de *A metade perdida* (2021), somos conduzidos ao ano de 1978 quando Jude, filha de Desiree – a irmã que não se passou por branca e se casou com um negro e teve uma filha retinta, resolve seguir o seu caminho longe de Mallard:

Uma garota vinda de lugar nenhum, sem nada e, se perguntassem a qualquer um dos outros passageiros, não teriam notado nada de diferente nela, à exceção de ser tão, como dizer... preta. [...] sabia exatamente por que a encaravam. Era impossível passar despercebida. Porque tinha a pele escura, sim, mas também porque era muito alta e magra feito o pai (BENNETT, 2021, p. 85).

Percebe-se que ela tem consciência de que a cor de sua pele se apresenta antes dela. Mas esta percepção de ser negra não foi estruturada do dia para a noite. A autora na construção desta personagem mostra-nos que por conviver com o pai que tem a pele escura e fazer parte de uma comunidade de negros em Washington, não era julgada pela melanina do seu corpo ou pelos cabelos crespos. A partir de quando Jude volta com a mãe para Mallard, comunidade de negros com pele clara, são situações racistas no cotidiano que mostram o peso de ser negro. Como podemos ver nesta passagem da obra quando Jude vai para a escola:

Eles a chamavam de boneca de piche. Meia-noite. Escurinha. Torta de chocolate. [...] As piadas eram verdadeiras. Ela era preta. Quase azul. Não, na verdade era tão preta que parecia roxa. Preta como café, asfalto, como o espaço. Preta como o início e o fim do mundo. [...] Uma mancha preta nas fotos da escola, [...] Uma mosca num copo de leite, contaminando tudo (BENNETT, 2021, p. 87).

É notório, que diante da leitura do trecho do livro, que o racismo é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens e privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertencem. Todavia, Fanon (2020) nos aproxima deste choque de ter a consciência de ser negro em uma sociedade que valoriza a branquitude, o que não foi diferente do que aconteceu com Jude ao se deparar em um ambiente em que ser branco é uma dádiva e ser negro uma maldição.

O autor ainda fala que o olhar do branco amputa o conhecimento positivo do corpo negro uma vez que foi pregado pelo colonizador que ter pele preta é sinônimo de sujeira,

maldade, entre tantos outros adjetivos negativos que vemos na contemporaneidade. Em conformidade, destacamos uma passagem de Fanon (2020, p. 127-129) ao dizer que:

Eu era ao mesmo tempo responsável pelo meu corpo, responsável pela minha raça, pelos meus ancestrais. Lancei sobre mim um olhar objetivo, descobri minha negridão, minhas características étnicas, - e então detonaram meu tímpano com a antropofagia, com o atraso mental, o fetichismo, as taras raciais, os negreiros, e sobretudo com “y’a bom banania”. [...] Meu corpo era devolvido desancado, desconjuntado, demolido, todo enlutado, naquele dia branco de inverno. O preto é um animal, o preto é ruim, o preto é malvado, o preto é feio; olhe, um preto!

As constatações acima nos levam a algumas questões importantes. A primeira delas é saber como as ideias acima são criadas e difundidas, tornando-se fundamentais para justificar, minimizar ou denunciar a desigualdade racial. Já a segunda, e talvez a mais intrigante, está em saber como, Fanon, mesmo sendo negro, só foi “despertado” para a desigualdade racial ao seu redor pela atividade política e pelos estudos. O que impedia ele de perceber essa realidade? O que o levava a “naturalizar” a ausência de pessoas negras em escritórios de advocacia, cursos de medicina e bancadas de telejornais?

Dito isto, reafirmamos o que Fanon (2020) apresenta sobre o corpo negro e os estigmas que a ele foram dados e que são sustentados pelo colorismo, destacamos os estudos de Devulsk (2021) sobre esta visão arquitetada pelo dominador:

O processo histórico de desumanização de negros, aliás, funda-se no uso da violência contra negras e negros como mote para desassociá-los daquilo que denota sua humanidade: a liberdade, a linguagem, a cultura e a sua história. [...] O negro definido pelo olhar do branco, um olhar distorcido que não tem consciência de que essa torpeza resulta da herança da dominação colonial, que lançou raízes que permanecem até o presente (DEVULSK, 2021, p. 55-56).

Vale ressaltar que, Bennett (2021), ao longo da narrativa, nos mostra marcas que são carregadas pela personagem June, por ser negra, rechaçada e desvalorizada pelo sujeito branco. São estas cicatrizes que, ao lermos, associamos com o racismo que persiste nos dias atuais, no Brasil e no mundo.

O racismo que segue produzindo repercussões como, por exemplo, o caso da bailarina brasileira Ingrid Silva que passou mais de dez anos pintando sua sapatilha para que se aproximasse ao seu tom de pele; da representatividade dos negros nas telenovelas e longas-metragens em que, por muito tempo, os papéis ofertados eram estereotipados sempre víamos o negro sendo porteiro, motorista, empregada doméstica, babá, moradores de favelas e que, de alguma forma estavam envolvidos no universo do crime. Bennett (2021) favorece a expressão



da voz de June em muitos momentos informando-nos, desde modo, que o colorismo abre as feridas do racismo e isto é perceptível no trecho:

Ela duvidava de que pudesse encontrar algum tom que combinasse com sua pele e, além disso, sabia muito bem como as pessoas se referiam a garotas de pele escura que usavam batom vermelho. Rabo de babuíno (BENNETT, 2021, p. 115).

Nesta passagem da obra destaca-se como a personagem se vê através do outro, que a julga e a coloca em um lugar de inferioridade, fazendo com que ela pense que não pode ocupar os lugares, usar os produtos que deseja ou assumir sua negritude.

A exemplo de se reconhecer negro e de expor as marcas do racismo preservadas pelo colorismo, como é apresentado em *A metade perdida* (2021), podemos citar também o filme nacional *M-8 Quando a morte socorre a vida* (2018)⁵, que conta a história de um adolescente pobre, negro e favelado que entra no curso de medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Notar-se como o único estudante negro e percebe que, na universidade, seus semelhantes são os funcionários de serviços gerais, uma secretária e os corpos de indigentes que são usados nas aulas, traz no filme, um recorte de realidade que é a prova de que os espaços na sociedade brasileira têm cor.

Destarte, retornando a análise da obra, um olhar também foi dirigido aos caminhos amorosos percorridos pelas irmãs Vignes, e os relacionamentos que suas filhas vivenciaram. A autora debate nestes relacionamentos que o colorismo opõem pessoas da mesma comunidade, permitindo que pretos possam se estranhar por conta de suas diferenças. Isto é notório nas primeiras páginas do livro quando Desiree, uma das gêmeas que se casou com um negro, volta para Mallard como a filha que tem a pele muito escura. Percebemos que mesmo pertencendo àquela comunidade, a personagem é alvo de olhares preconceituosos por sua escolha de parceiro.

Tal fato não difere do que encontramos em tempos atuais, quando as pessoas julgam não o sujeito de pele negra por se relacionar com o sujeito de pele branca, mas o inverso. Segue um recorte da narrativa trazida no livro:

Ela estava com pressa, a cabeça inclinada para a frente e – Lou fez uma pausa, performático – de mãos dadas com uma menina de uns sete ou oito anos, preta como piche. – Preta azulada – disse ele. – Como se tivesse vindo diretamente da África. [...] Agora Desiree estava de volta, e só Deus sabia por quê. Talvez fosse saudade de casa. Sentiu falta da mãe depois de todos aqueles anos, ou então quis exhibir sua filha escura. Em Mallard, ninguém se casava com pretos. Ninguém ia embora também, mas Desiree já havia feito isso. Ao se casar com

⁵ M8 – QUANDO A MORTE SOCORRE A VIDA. Direção de Jeferson De. Rio de Janeiro: Netflix, 2019. Streaming (84 min.).



um homem preto e andar pela cidade toda com aquela criança escuríssima, ela estava indo longe demais (BENNETT, 2021, p. 11-13).

A autora nos revela, desse modo, situações no cotidiano em Mallard ao qual o branqueamento – ideologia aceita no Brasil entre os anos 1885 e 1914, que acreditava que a raça negra só avançaria culturalmente e geneticamente por meio da miscigenação entre brancos e negros – é a palavra de lei para uma comunidade onde o casamento com uma pessoa mais clara satisfaz o mais escuro porque terão filhos mais claros, o que é motivo de orgulho – uma linhagem cada vez mais branca – afinal, para eles o branqueamento e ascensão social são vistos como sinônimos.

É importante lembrar que essa “lei” não é apenas seguida por personagens da narrativa de Bennett (2021), mas por muitos negros, ainda hoje. Uma visão que tem raízes no colorismo, este, que se expressa, é um subproduto do racismo na medida em que as pessoas aceitam a existência de uma hierarquia racial – quanto mais clara, mais prestígio se tem. Observa-se na obra, evidências de como as pessoas foram “catequizadas” pelo colorismo:

Talvez ela tivesse suportado tudo isso, não fosse a obsessão de todos com a pele clara. Syl Guilhory e Jack Richard discutindo no barbeiro sobre quem tinha a mulher mais clara, ou a mãe sempre gritando com ela para botar o chapéu, ou ainda algumas crenças ridículas das pessoas, como se beber café ou comer chocolate na gravidez fizesse o bebê nascer escuro (BENNETT, 2021, p. 16).

Este processo de branqueamento foi fortemente articulado no Brasil, mas não como ocorreu no romance em análise onde as pessoas de cor procuravam parceiros brancos. De acordo com os estudos de Munanga (1999), se o projeto de embranquecer a população brasileira fosse concluído, a nossa realidade seria outra. Como isso não ocorreu, temos uma sociedade plural de mestiços.

Devulsky (2021) também nos chama a atenção para este projeto de clarear o maior país da América Latina que não se deu de forma romântica nem afetiva como vemos nos escritos de Gilberto Freyre, outrossim, deu-se por meio do genocídio dos indígenas e de estupros sistemáticos de mulheres indígenas, e posteriormente de mulheres negras. Com o fracasso deste projeto eurocêntrico de clarear a população brasileira, o branco apoiou-se no colorismo, valorizando os menos negros (ou, em contrapartida, os mais brancos), o que afeta os negros criando uma barreira ideológica no interesse natural por compreender suas origens. Nesta direção, Munanga (1999) enfatiza que:

Apesar de ter fracassado o processo de branqueamento físico da sociedade, seu ideal inculcado através de mecanismos psicológicos ficou intacto no inconsciente coletivo brasileiro, rondando sempre nas cabeças dos negros e mestiços. Esse ideal prejudica qualquer busca de identidade baseada na



“negritude” e na “mestiçagem”, já que todos sonham ingressar um dia na identidade branca, por julgarem superior (MUNANGA, 1999, p. 16).

Em consonância com o autor e analogamente com obra de Benett (2021), a ideia era assegurar uma prole de pele branca. Esse era o sonho de todos que moravam em Mallard. E o fato de uma das irmãs Vignes casar-se com um homem de cor era algo ilógico, pois, como enfatiza Fanon (2020), embranquecer é a única perspectiva e preocupação da mulher negra, já o ideal de embranquecer para a mulher mulata é justificado, também, como meio para evitar a regressão. Diante do exposto, Bennett (2021) nos mostra uma situação na obra sobre a visão que os habitantes tinham a respeito das intenções dos homens de cor, bem como qual era o resultado de ter laços matrimoniais com eles:

Além disso, não se devia falar com garotos de pele escura. Certa vez um deles a cumprimentou, inclinando um pouco o chapéu, e a mãe resmungou, segurando seu braço com força. – Nem olhe para ele – ordenou ela. – Garotos desse tipo não querem nada de bom. Em Mallard, garotos de pele escura só queriam caçar as meninas, era o que sua mãe dizia. Eles queriam mesmo eram garotas brancas, mas, como não podiam, contentavam-se com as de pele clara. [...] Desiree casou com o cara mais preto que encontrou e acha que ninguém aqui sabe que ele bate nela. [...] Fingir ser branca para seguir com a vida é questão de bom senso. Mas se casar com um homem de pele escura? Ter uma filha preta daquele jeito? Desiree tinha atraído o tipo de problema que nunca a deixaria em paz (BENNETT, 2021, p. 50-65).

Percebe-se, do exposto, que o destino da irmã que escolheu um homem de pele escura como marido não foi positivo, sobretudo se comparamos com o que ocorreu com a outra – Stella Vignes – que ao se passar por mulher branca e escolher um companheiro de pele clara será aceita na sociedade e reconhecida como tal. Esta transformação de fato aconteceu na história e o resultado caminha em direção daquilo descreve Fanon (2020), ao refletir que quando o branco declara seu amor para uma mulata ela não é mais identificada como quem seria branca, ela passa a ser a branca.

Outros eventos na obra que a escritora discorre entre os capítulos é a questão do relacionamento das filhas. De um lado temos a Jude que é negra e namora um rapaz branco, e é capaz de perceber olhares e comentários das pessoas que questionam o porquê dele se relacionar com uma mulher preta. Na outra ponta temos Kennedy, filha da Stella, que é branca e namora um negro. O que é interessante neste segundo caso entre a branca e o negro é que a obra propõe novos olhares como, por exemplo, a curiosidade sobre da sexualidade do negro sustentada pelo colonizador e a busca deste negro por relacionamentos com mulheres brancas. Bennett (2021) ao longo dessas narrativas vai confirmando para os leitores que estamos em uma sociedade na qual o colonizador ainda é a regra e a régua.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebemos que a maior contribuição do livro *A metade perdida* (2021) é denunciar não apenas o racismo, mas o colorismo enquanto estrutura que provoca fissuras entre os próprios sujeitos negros, que buscam no embranquecimento um meio de “fazer parte”.

O colorismo é um conceito antigo que só agora se popularizou entre a comunidade negra. Esse é um tema que pode ser associado à educação antirracista, à diversidade cultural nos espaços sociais e à própria inclusão social, pois permite que a sociedade a compreender que não precisamos diferenciar as pessoas e que devemos conviver em sociedade pautados no respeito, sem preconceito e discriminação.

Desse modo, o conceito também revela os diferentes níveis de preconceito e marginalização sofridos pela população negra, pois quanto mais afrodescendente for a aparência da pessoa, mais descriminalizada ela será. Em outras palavras, além da tonalidade da pele, outras características reforçam o colorismo, como a largura do nariz, a grossura dos lábios e a textura dos cabelos, ou seja, há variação no tratamento dado a afrodescendentes conforme o seu grau de proximidade à herança africana.

Isto posto, a obra analisada ofereceu um leque de possibilidades para refletir sobre as expressões do racismo que seguem se perpetuando, o que se torna mister criar espaços para que a literatura de escritura feminina negra como a de Brit Bennett sejam acessíveis nos âmbitos escolares, profissionais e familiares.

Entende-se que tais acessos contribuiriam no fomento de debates e, no redirecionamento do nosso olhar, de modo a percebermos como o racismo estrutural afeta a sociedade, ao passo em que se necessita empreender ações que eliminem qualquer forma de discriminação de raças, desconstruindo uma noção de inferioridade da identidade do negro, num país que foi edificado pela supremacia branca. Ademias, é este tipo de problematização que levaria ao fortalecimento dos movimentos negros e valorização da negritude por meio da representatividade na mídia, nas artes e no mercado de trabalho.

Compreender o colorismo é um caminho para que possamos entender a complexidade da história racial no Brasil, bem como apoiar as lutas antirracistas e buscar a visibilidade de negros e negras. Dessa forma, aos poucos, iremos reconstruir as narrativas e recuperar a humanidade roubada em preceitos racistas entre o dominador e dominado, civilizado e selvagem, belo e feio, branco e preto.



REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das letras, 2019.
- BENNETT, Brit. **A metade perdida**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2021.
- CHIZIANE, Paulina. **Conto dos escravizados**. Lisboa: Caminho, 2018.
- DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y. S. Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y. S. (Orgs.). **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- DEVULSKY, Alessandra. **Colorismo**. São Paulo: Jandaíra, 2021.
- EVARISTO, Conceição. **Ponciá Vicêncio**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.
- FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. São Paulo: Ubu Editora, 2020.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.
- LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 1995.
- MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. Petrópolis: Vozes, 1999.
- NATÁLIA, Livia. **Água negra**. Salvador: Caramurê, 2011.
- PINTO, Márcia C. C; FERREIRA, Ricardo F. **Relações raciais no Brasil e a construção da identidade da pessoa negra**. Pesquisas e Práticas Psicossociais, São João del-Rei, v. 9, n. 2, p. 257-266, jul.-dez. 2014. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ppp/v9n2/11.pdf>>. Acesso em: 08 ago. 2021.
- RIBEIRO, Djamila. **Lugar de Fala**. São Paulo: Editora Jandaíra, 2020.
- QUIJANO, Aníbal. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina**. Buenos Aires: CLACSO, 2005.